
**Linguagens artísticas no ensino superior à procura de um coletivo de produção de
conhecimento**

Artistic languages in higher education looking for a collective knowledge production

Ana Isabel Serra de Magalhães Rocha
Universidade de Lisboa (ULisboa)
Lisboa-Portugal

Resumo

Este artigo utiliza uma estrutura que convida à reflexão através da palavra, da pergunta, da prática, do produto e do prazer. Explora as relações entre linguagens artísticas e narrativas que melhor percebem espaços e tempos de aprendizagem no Ensino Superior, sentindo de que forma podem contribuir como ferramenta de investigação.

Apresenta duas experiências realizadas e documentadas de dois Seminários em Universidades em Espanha (2021) e Portugal (2022). Os resultados dos relatos inserem-se em registos científicos, e ambos desenvolvem-se em torno de questões orientadoras utilizando linguagens artísticas como processo metodológico procurando um coletivo de produção do conhecimento.

Palavras-chave: Metodologias baseadas em artes; Ensino superior; Educação Artística

Abstract

This article uses a structure that invites reflection through the topics: word, question, practice, product and pleasure. It explores the relationships between art based languages and narratives, that better perceive spaces and times of learning in Higher Education, feeling how they can be introduced as a research tool.

It presents two experiences carried out and documented from Seminars at Universities in Spain (2021) and Portugal (2022). The reports results are part of scientific articles, and both are developed around guiding questions by artistic languages as a methodological process looking for a collective knowledge.

Key words: Art Based Research; University; Artistic education

(A) Palavra

O artigo pretende abordar a mais valia da introdução de metodologias contemporâneas, nas áreas científicas do ensino superior, nomeadamente no Doutoramento Educação Artística. A temática tem vindo a ser abordada em Unidades Curriculares no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, sensibilizando os estudantes para uma aprendizagem que se pretende também visual, relacional e rizomática, tendo em vista a aquisição de conhecimento nas fronteiras da escrita e da grafia. Arriscando a apresentação coletiva de produzir conhecimento, documentando através de registos visuais, narrativas, construção de livros, têm vindo a ser uma das formas metodológicas e morfológicas, que a autora tem explorado ao longo do seu percurso como aluna de Doutoramento em Educação Artística e como docente no Ensino Superior. A dimensão artística é introduzida na partilha e construção de conhecimento numa perspetiva epistemológica do trabalho de investigação.

O convite para integrar o dossier veio já de anos anteriores, e ao visitar a proposta então realizada, trouxe a convicção que este caminho tem vindo a ser o desenrolar de uma investigação circunscrita à dimensão da obra – livro. Neste artigo organizado cinco áreas: palavra, pergunta, prática, produto e prazer. Visto a palavra ser a primeira entrada, a segunda é dedicada à pergunta, perspetivando de que formas metodologias artísticas podem contribuir para a construção de conhecimento no ensino superior. Através desta, espera-se que o leitor mergulhe no artigo. Entende-se que questionar é tão natural como ler, e daí a prática que se processa e materializa o encontro para a produção de um objecto de investigação. Já no final, o artigo revela-se através do relato dos resultados de dois Seminários, que desenvolvem linguagens artísticas como ferramentas para o desenvolvimento coletivo de partilha e de saberes, e substanciam um trabalho coletivo em tempo real. A autora apresenta um dos seus livros de investigação/artista realizado neste âmbito, tendo como mote os relatos dos participantes na roda de conversa da sessão de encerramento do Seminário do Instituto de Educação (Portugal).

(A) Pergunta

A que serve a pergunta? A autora tem vindo a sentir alguma pressão inicial por parte da Academia em definir e firmar qual a sua pergunta de investigação, que problemática focar. Ao longo do processo de investigação a noção de o que é uma pergunta foi-se tornando

potenciadora do desenvolvimento da investigação e do propósito de investigar. Afinal “foram os cépticos (da palavra grega *skepsis*, que significa questionamento ou examinação) (...) que se dedicaram a provar como a mente pode ser instável e falaciosa” (BOTTON, 2019, p. 35). Tentada a encontrar respostas em perguntas que não tinham ainda sido realizadas, a descobrir na escrita a curiosidade e o questionamento do que efetivamente se compromete com o ato de investigar, tentada a uma escrita que através de perguntas, o leitor fosse convocado a formular novas perguntas. Práticas de linguagens poéticas que utilizam a interrogativa como forma de discurso. Será que existem respostas possíveis para perguntas impossíveis? Tal como Pablo Neruda nos premeia no *Livro das Perguntas*

A quem dirijo esta pergunta?
Onde fica o umbigo do mar?
Para onde vão as coisas do sonho?
Vão para o sonho dos outros?
Quantas perguntas tem um gato?
(Neruda, 1974)

Pergunto se lemos e respondemos, se questionamos sem que se tente descobrir as respostas? A leitura das perguntas faz antever uma outra frase? O leitor pergunta ou segue o percurso de enunciar a pergunta? Segundo Quivy et al. (1992) são apresentados critérios para uma boa pergunta de partida como corretamente formulada, com qualidades de clareza, de exequibilidade e de pertinência, constituindo um primeiro passo para “pôr em prática uma das dimensões essenciais do processo científico: a ruptura com os preconceitos e as noções prévias. Segundo Freire e Faundez (2002), no diálogo expresso na obra *Por uma Pedagogia da Pergunta*, partilham que:

no nosso caso, agora, de pensar uma prática permeada de temas, de que ora participamos juntos, ora separadamente. E este pensar, que no fundo é um repensar. (...) Agora, convencidos da validade de fazermos juntos um livro dialógico, sem pretender de modo nenhum invalidar o esforço de escrever sozinhos, pois tanto eu quanto tu, ao lado de um sem número de intelectuais, continuaremos a escrever nossos textos individualmente, estamos aqui em torno desta mesa para ‘conversar’ um livro. E ao fazê-lo, estamos aceitando expor a uma experiência significativa: a de um trabalho em comunhão. (...) para um trabalho coletivo. (p. 10 - 11).

É neste diálogo (pergunta-resposta) que se tece um conhecimento de co-autoria, esperando uma inovação pela construção de perguntas-respostas-perguntas outras. Este tempo de descoberta da resposta deve ser lento. Segundo Berger (2020, p. 109-110) “talvez a primeira regra de perguntar porquê seja o facto de ter que haver uma pausa, um espaço, um intervalo na reunião, uma suspensão do ‘progresso’, um momento de sossego”.

Agora, neste preciso momento em que o leitor acompanha esta informação, em que pensa? Que questões estão na sua mente? Que relações estabelece durante a leitura? Lembrou-se de alguma pergunta? Sugiro a sua contribuição para a recolha de perguntas, escrevendo ou desenhando agora a sua pergunta (Figura 1). Silencie-se e oiça-a. Depois fotografe e envie para o endereço de email da autora: anaserrarochoa@gmail.com.

FIGURA 1 – A pergunta

A PERGUNTA

Fonte: Ana Serra Rocha, 2022

(A) Prática

Apesar de alguns autores terem realizado estudos sobre metodologias que contemplem linguagens artísticas, Portugal carece de estudos de investigação sobre estas metodologias, embora hajam alguns trabalhos científicos de alguns docentes afetos a Centros de Investigação do Ensino Superior (CHARRÉU L.; CAETANO A. P; QUEIROZ J.; OLIVEIRA M. ; PAZ A.). A nível da investigação no Ensino Superior no Instituto de Educação, foi recente a inclusão em metodológicas baseadas em artes a integrarem as unidades curriculares, abrindo a novas possibilidades de investigação. Considerando que as linguagens artísticas privilegiam a produção de conhecimento através dum ponto de vista artístico, ao longo dos relatos apresentados neste artigo, serão as metodologias baseadas em artes as mais evidentes. Nos anos mais recentes, a investigação baseada em artes (*Art Based Research*), especificamente a artografia, como pensamento e mapeamento visual, iniciado por Rita Irwin na década de 1980 na Faculdade da Universidade de British Columbia UBC, têm vindo a ser exploradas pelos alunos no âmbito das Unidades Curriculares do curso de Doutoramento em Educação Artística na Universidade de Lisboa.

A investigação possibilitou que a autora explorasse contextos e tempos entre a educação e a arte, de forma a que ambas se combinassem, desenhando linhas de fronteira ténuas e internectadas, re-mapeando os seus contornos através de uma dinâmica, interativa

e participativa de um grupo heterogêneo universitário, utilizando a artografia ou a cartografia (baseada em cartões modelares), como métodos que mobilizem novas questões, reflexões, maneiras de pensar e de representar, relatar e imprimir nas áreas científicas em geral e não só nas artísticas (DIAS, 2009).

A noção da necessidade de uma espacialidade no ensino-aprendizagem para representar uma maior expansão da investigação, de forma participativa, cruzando técnicas, lugares e saberes visando uma aprendizagem do coletivo, acolhendo novas abordagens então invisíveis, movidas por curiosidades, impulsos (SULLIVAN & GU, 2017), onde a inclusão do erro é tomada como fator de aceitação, incontável e imprevisível, conduz a uma natural sequência de acontecimentos.

Time plays a central role in how we think about endurance, rhythm, movement, relationally, collectivity, disruption, and futurity. Chronological or linear time segments and orders the past, present and future. Here time is sequential and progressive. Time determinates the ways that we live, work, and produce. It is an instrument of power dictating the rhythm and flow of life (SPRINGGAY, 2019, p. 88).

Desta forma desenha-se o percurso da investigação sensível baseada em artes, reconstruindo, destruindo, acolhendo e gerando formas de entendimento assentes numa educação emocional, sensível na forma como se apreende o conhecimento. E, porque se invade-se o espaço do outro e o seu, no respeito numa ética do cuidado, questiona-se a possibilidade do que poderá vir, da necessidade de redigir estes 'ensaios' cientificamente, permitindo uma atitude contemplativa da investigação. À semelhança da forma como se contemplavam as obras de arte no período do Romantismo das últimas décadas do século XVII na Europa, continuando em parte até o século XIX. O investigador enquadra-se como um romântico possibilitando ao seu corpo que acolha a ressonância do processo da investigação e a escrita científica, interrelacionando-se com a prática no desenvolvimento de workshops de investigação para público do ensino superior. O autor Castanho (2000) destaca que a inovação é a ação de mudar, alterar pela introdução de algo novo, consiste na aplicação de conhecimentos já existentes, introduzidos novos modos de atuar em face de práticas pedagógicas que apareçam como inadequadas ou ineficazes. A inovação é referida ao longo das sessões pelos participantes, como elemento vivo, estimulante, que fomenta aprendizagens com processos de intencionalidade claros, aliados á diversidade, curiosidade e empatia do evento.

(O) Produto

Ao longo dos últimos 5 anos a autora tem desenvolvido “workshops de investigação no Ensino Superior e implica a realização (antes, durante e depois) de um objecto de investigação (objecto-livro), que apresenta e reflete as questões debatidas na sessão, servindo como documentação da investigação” (ROCHA, 2020, p. 189). Desta forma a experiência de criação, manuseio e manufatura a partir do papel como um processo para refletir epistemologicamente e mediar a construção de conhecimento, tem vindo a ser mote para um pensamento reflexivo, do qual faz parte este artigo. Este manuseio (d)e pensamento coabita com o processo de manufatura para uma narrativa visual constituída a partir dos elementos resultantes do workshop como exercício da sua própria identidade. Resultados a partir a utilização de diferentes linguagens artísticas, como cartografias visuais que Hernandez (2018) enuncia como não somente uma estratégia visual que possibilita relatos e experiências, mas um espaço de enredo, em que todos estes elementos (corpos, coisas, afetos, intensidades, movimentos, ideias) permanecem reunidos.

Nos dois eventos que irão ser descritos mais adiante, nomeadamente o Seminário de Investigação Baseada em Artes (IBA) e o Seminário de Comunidades em Movimento (DEC), existe uma construção coletiva de conhecimento através de um trabalho conjunto ancorado num processo participativo, “em que ninguém é dono da descoberta” (Ó, 2019). E, tendo em linha de conta a criação como um elemento de inteligência coletiva (LEVY, 2004), documentam-se as sessões através de um produto final dos momentos dos percursos da investigação colaborativa, não só a partir da questão ou mote inicial, mas também numa aprendizagem entre si e entre pares (OLSON, 1997). Este mapeamento sequencial poderá contribuir para uma cartografia da investigação. O seu conjunto antevê uma paisagem narrativa que acontece na interrogação do processo da construção coletiva de conhecimento, dando forma a uma sustentabilidade autoral, promovendo a aquisição de competências que visem o conhecimento e o cruzamento intervencionado da investigação artística e de educação.

Neste contexto, a autora realiza o processo de manufatura de objetos pedagógicos, simultaneamente com o processo de investigação, numa procura epistemológica do conhecimento, onde a morfologia do objecto está interligada com o processo de materialização do conhecimento. Como docente e investigadora, as linguagens artísticas

podem acontecer como ferramenta para a transformação e construção de uma estrutura em rede, tal como Freire (1970) define ferramentas de transformação como potenciadoras de empoderamento por parte das comunidades num processo construtivo de aprendizagem. De uma forma geral os participantes valorizam o “atrevimento” e a “originalidade” das apresentações em contexto universitário como agente de mudança nas atitudes da comunidade educativa.

Ao longo dos vários workshops de investigação é notória uma ansiedade inicial face ao desconhecido, ao que há de vir, mas que ao longo da sessão vai diminuindo para uma partilha coletiva, que proporciona uma introspeção, criando momentos de confiança e de sentimento de pertença, relacionando a dimensão do quotidiano com a prática, uma vez que interrelacionam com os próprios projetos e áreas profissionais. Estabelece-se uma relação não hierárquica, aberta, sincera e desprovida de pressão por parte de um discurso de certo ou errado. Assim, serão exemplificados dois momentos recentes de Seminários Universitários, onde a utilização de linguagens artísticas levou à produção de conhecimento.

Seminário de Investigação Baseada em Artes (IBA)

O Seminário Investigação Baseada em Artes (IBA) no Curso de Artes Visuais e Educação da Universidade de Barcelona, ocorreu durante quatro dias no ano de 2021, no qual estiveram envolvidos a professora Judith Onsès Segarra, quinze estudantes de mestrado, dois de doutoramento, e duas investigadoras convidadas (Ana Rita Teixeira e Ana Serra Rocha) da Universidade de Lisboa. O Seminário foi desenhado em conjunto (professora e investigadoras), questionando como se pode de forma colaborativa e artística incorporar uma experiência da leitura científica de um artigo? E de que forma pensamos e grafitamos o que pensamos?

Ao longo dos quatro dias foi atribuída a cada sessão uma tonalidade cromática, um artista plástico, e autores de escrita científica. A sala onde decorreu o Seminário foi habitada por uma grande superfície de papel de cenário, no qual coletivamente alunos interagiam na superfície, imprimindo as suas sensações, conexões e devaneios sobre como as obras (ou processos artísticos) e as leituras ressonavam em si, criando uma cartografia ao longo do Seminário. No final de cada sessão (à exceção da primeira), acontecia uma sobreposição cromática, bem como registos diferenciados em tempos, espaços e momentos, que se desenvolveram com a seguinte ordem:

Dia vinte e oito, atribuídos as tonalidades de verde, explorando o artista Andy Goldsworth (1956), com as leituras de *What Is and What Is Not Arts-Based Research?* (BARONE ; EISNER, 2011), e *Introduction to Arts-Based Research* (LEAVY, 2017).

Dia vinte e nove, representado na figura 2, com tonalidades de amarelos, laranjas e ocres, com o artista Christo J. (1935–2020) e Claude J. 1935–2009, com o artigo *La investigación (educativa) basada en las artes: genealogías, derivas y expansiones* (HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ; ONSÈS-SEGARRA, 2020),

Dia três, as tonalidades de azul, através da obra de Helena Almeida (1934 – 2018) e o artigo de Irwin, (2013) *Becoming A/r/tography*.

Dia cinco, tonalidades de roxo, rosa, violetas, dedicado às obras da artista Kusama Y. (1929), e a leitura de *La investigación (educativa) basada en las artes: genealogías, derivas y expansiones* (HERNÁNDEZ-HERNÁNDEZ; ONSÈS-SEGARRA, 2020).

FIGURA 2 –_Resumo visual VII Jornadas sobre la Relación Pedagógica en la Universidad



Fonte: As autoras Judith Onsès, Rita Teixeira e Ana Rocha, 2021

As sessões decorreram em ambiente de aprendizagem híbrido, presencial e online, em diferentes tempos de comunicação, ampliando o espaço educativo, extravasando para fora da sala de aula (corredores) onde se conseguia aceder on-line. Imprevistos sucederam, e

criativamente transformaram-se em desafios aceites e/ou vencidos. No dia três, dedicado ao texto de Rita Irwin (2013) *Becoming A/r/tography* e à exploração da obra de Helena Almeida, onde em co-relação entre o artista, investigador e professor, desenvolveu-se um trabalho em torno de transposições da experimentação, ultrapassando linhas e espaços de fronteiras, incorporadas por pesquisa vivencial, sendo que o resultado apresenta diferentes linguagens artísticas visuais e potencia o texto e a imagem, bem como as relações (linhas) que se estabelecem dialogando artisticamente. Assim acontece com metodologias baseadas em artes, onde o registo assume diversas naturezas e expressões. Com a exploração das obras da artista Helena Almeida (figura 3), e a tonalidade de azul das obras que “é uma mistura de azul-cobalto com azul-ultramarino. É o azul mais energético que eu consegui fazer e que simultaneamente associo com o espaço. Não podia ser vermelho, verde ou amarelo. Tinha que ser uma cor que tivesse a ver com estas duas ideias: energia e espaço” (Almeida, 1998, p. 52).

FIGURA 3 – Tela habitada



Fonte: 1976, Fotografia de Helena Almeida

https://gulbenkian.pt/cam/works_cam/tela-habitada-156670/

Na fotografia de Helena Almeida (1934 – 2018) da década de 1980, ilustra a metáfora de um momento de passagem, ela joga com a estrutura do gradeamento da tela de madeira (normalmente invisível), dando-lhe visibilidade e corpo presente. A artista portuguesa traduz desta forma a relação interior/exterior, quer o interior encarado como corpo numa relação com o espaço exterior, quer por uma constante afirmação de delimitação de campos e o

desejo de os ultrapassar, de rasgar, de deixar ver para o outro lado, de quebrar barreiras, de «sair» (GULBENKIAN).

Nas outras sessões continuou-se a desenvolver a cartografia e a mapear os sentires dos textos e das obras dos artistas, sobrepondo cromatismos e linguagens. No final do Seminário foi elaborado um ensaio visual digital intitulado *La investigación basada en las artes como lugar de cuidados: un ensayo visual* (ESBRINA) que foi apresentado nas VII Jornadas sobre la Relación Pedagógica en la Universidad em Dezembro de 2021. Este ensaio é desenvolvido para partilhar a experiência adquirida pela palavra através da pergunta utilizando uma prática que leva a um produto realizado com prazer.

Comunidades em movimento (DEC)

O V Seminário Diversidade, Educação e Cidadania (DEC) – Comunidades em Movimento, organizado pelo Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL), decorreu no dia nove de Junho de 2022, com a participação de professores e alunos de diferentes áreas. Configura-se com uma dinâmica pensada de acordo com a temática relacional entre diversidade, educação e cidadania.

Somos no movimento entre. Somos com o movimento dentro. Somos movimento. Sem ele não seríamos. E sem comunidades, quem seríamos?

A proposta para este ano é trazer para o diálogo os movimentos dentro e entre as comunidades que investigamos e onde nos inserimos. O movimento de não nos instalarmos passivamente num espaço fechado e fixo. O movimento de nos questionarmos e questionarmos os mundos que habitamos e experienciamos. O movimento de expandirmos a compreensão dos jogos invisíveis em que vivemos imersos. O movimento de criarmos outros espaços e contextos. O movimento de visionarmos outros destinos e imaginarmos vias alternativas.

Todos nós, trazendo para um mesmo espaço os nossos espaços de identidade. Para que se estilhacem nossas fronteiras, nossas barreiras, nossas invisibilidades. Expandir consciência, refletir e criar novas realidades – que mais podemos? Podermos mais, é isso que queremos e por isso continuamos e por isso vos convidamos a juntar-se a nós. Para juntos podermos mais e melhor.

Para vermos mais claro, mais além, mais profundamente, como prosseguir na construção da nossa Casa Comum. Comunidades em movimento. (IEUL. DEC <https://deccomunicacoes.wixsite.com/mysite>)

A sessão inaugural da Conferência foi realizada com o convidado José Paiva (Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto) e a sua apresentação refletiu sobre o tema *Cruzando Experiências*. O Seminário está organizado ao longo de seis sessões paralelas, cada uma com dois grupos dialogantes, para que no seu conjunto se encontrassem convergências e divergências, linhas de experiências que se constituíssem como pontos e pontes de reflexão. A estrutura do Seminário entrelaça diferentes metodologias, que convidam à participação de

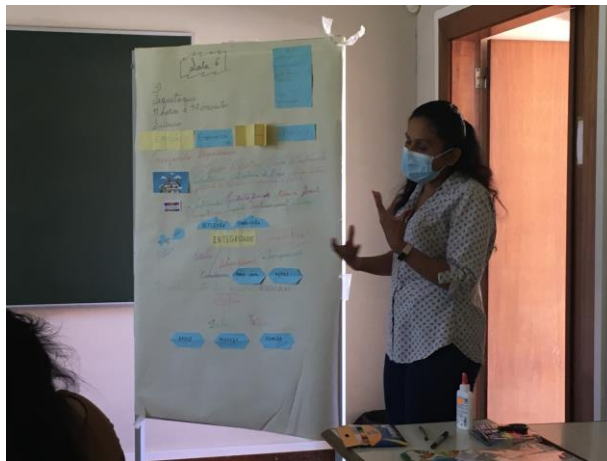
coletivos/comunidades em movimento, rasgando fronteiras e abrindo caminhos para um processo de aprendizagem *peer-to-peer* (BERGER, 2020, p. 99), para uma construção de conhecimento. O desenho do DEC contempla em cada sessão um relator que através de linguagens preferencialmente artísticas, representa num modo vivo e vivido a experiência, partilhando o resultado na sessão de encerramento – Roda de Conversa. A figura do relator integra esta metodologia em que é “pesquisa vivencial (*living inquiry*), numa aproximação corporizada (*i.e.* que tem uma forma, um som, um texto, um movimento corporal, etc.) à realidade construída, tanto por *interpretações e experiências* artísticas e textuais como por *representações artísticas e textuais*” (CHARRÉU, 2013, p. 11). A título de exemplo, transcreve-se um depoimento da relatora Stefania de Brito Matos de Oliveira das sessões paralelas Comunidades em Movimento 3 com apresentações de duas comunidades e projetos: All4integrity - RedEscolas AntiCorrupção e Duas de Letra - Comunidade de Leitura da FP/IE Lisboa:

A intervenção iniciou em companhia do silêncio, encontrava-me próxima ao futuro cartaz-relato, a algumas canetas e figuras que pareciam estar associadas às temáticas das comunidades da sessão. Tentei no primeiro momento perceber as expectativas das pessoas que estariam no encontro e estabelecer uma conexão, os participantes escolheram uma folha verde ou amarela e registaram a utilizar uma palavra o que esperavam com aquele encontro. Narrar e descrever os movimentos, missões e desafios de duas comunidades de aprendizagem são tarefas complexas. Foi uma preocupação minha, ao longo da sessão, representar de maneira imparcial e fidedigna possíveis óticas sobre as comunidades AntiCorrupção e Duas Letras, a captar as paisagens, os personagens e ideias apresentadas por cada representante dos respectivos grupos interativos. No encontro em torno do diálogo e da interpretação, acerca das perspetivas de ambos projetos, foi possível pensarmos em pontes criadas a partir de redes de colaboração e em novas aprendizagens. Como salientou Caetano (2003) ”aprendemos não apenas sozinhos, mas também em conexão com os outros. Os professores, em particular, aprendem com seus alunos, com os seus pares, com os formadores, com outros interlocutores da comunidade educativa e da comunidade em geral, através das interações directas e indirectas que com esses parceiros vão estabelecendo (p.19).

As representantes das comunidades relataram as suas experiências e os participantes aos poucos começaram a interagir, eu tentava perceber os olhares e as vozes que na sala ecoavam. Ia construindo a minha poemografia, e que “procura mediante o uso de uma diversidade de sinais, estimular a capacidade de raciocínio e de relacionamento do leitor, criando um envolvimento mais profundo do seu sentido crítico-perceptivo” (PESTANA, S.; AGUIAR, F. 1985, p. 156) Recolhendo, relacionando, registando na dimensão da folha ocupando a sua totalidade, onde a metodologia artística se evidencia por uma processo realização de cuidado visual e estético, esperando enriquecer movimentos e resultados de investigação.

No papel de relatora, nutri o meu olhar como professora e aprendente através dos diálogos, contudo, não fiz intervenções, coloquei-me como um pintor de paisagem, a tentar tomar nota do que parecia ser mais significativo. A sessão foi marcada por três momentos: silêncio, reflexão e diálogo. Após a intervenção de ambas as comunidades, compartilhei o relato. A partir do relato, estabeleci uma breve conversa com o grupo sobre a sessão, possíveis reflexões, convergências e divergências das comunidades apresentadas (figura 5). Relatar é uma forma de expressar de diferentes formas uma cena em que participamos como integrante e ouvinte, uma atividade que pode devolver a nossa escuta ativa e percepções dele sobre o Outro. Em cada relato percebo que sou uma nova relatora, porque o meu olhar sobre as paisagens muda, em um relato sou mais poética, em outro mais descritiva, outro mais informativa. Acredito que essas mudanças ocorram por influência de fatores internos (as minhas emoções, vivências) e externos (o grupo em que sou relatora, os diálogos estabelecidos pelo grupo).

FIGURA 5 – A relatora Stefania de Brito Matos de Oliveira apresentando o seu relato

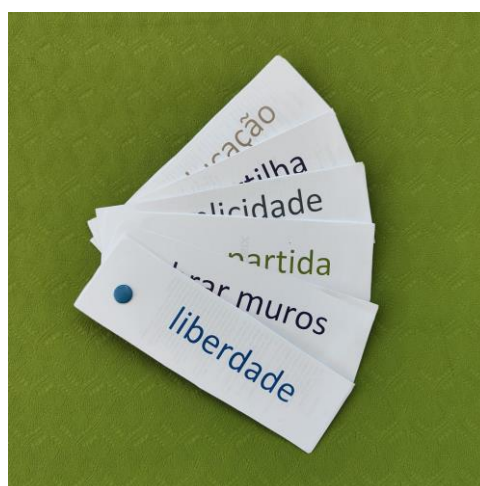


Fonte: Ana Serra Rocha, 2022

A quando da sessão de encerramento, estavam todos sentados em cadeiras à volta da sala preparados para a roda de conversa, balanço do Seminário, partilhando o retorno de cada sessão, as experiências vivenciadas, práticas e/ou subjectivas, bem como elementos relacionais estabelecidos individualmente ou coletivamente durante o mesmo. Estava preparado um ambiente aconchegante, caloroso e de certo modo familiar, para acolher a roda de conversa que iniciou com a sessão inaugural destacando a intervenção do convidado José Paiva, com a partilha da palavra e significado de *Desconseguir* (PAIVA, 2022), o ato de deixar ir, enaltecendo a importância de estar em comunidade e em natureza. Seguidamente cada relator apresentou a sua representação realizada durante as sessões paralelas. A comunicação e a escuta aconteceram não exclusivamente pela palavra verbal, mas por uma dimensão da escrita, da oralidade, da componente visual. No decorrer das comunicações dos

relatores foram apresentados diferentes formatos: caixa de pensar a verdade em formato tridimensional, um vídeo com a síntese dos acontecimentos de outra sessão, um podcast revelando “eu sou aquela que fala daquilo que ninguém quer ouvir”, uma banda desenhada realizada por dois relatores, um painel tipo cartaz utilizado de ambos os lados, e a poemografia já descrita. Desta forma é possível rever quanto diversificado é a apresentação formal dos relatores no DEC. No final da sessão cada um dos presentes verbalizou uma ou duas palavras que estiveram a sentir no momento sobre o DEC e registei: sementeira, gratidão, trocar, cumplicidade, partilha, liberdade, abrir horizontes, escuta e observação, criatividade, poesia, deslocação, afeto, desconseguir, integridade, interligar, diversidade, reflexão, criar pontes, religar, partida, quebrar muros, relações, educação. A título de relato e tendo em conta a roda de conversa, a autora realizou o livro de autor Roda (figura 6).

FIGURA 6 – Livro roda de conversa



Autor: Ana Serra Rocha, 2022

O livro de autor com 15 cm x 4,5 cm x 3cm, realizado com papel cartonado, onde cada página (tira) tem nela impressa (frente e verso) uma das palavras que foi transmitida por cada um dos participantes na roda de conversa, num total de 24 palavras por 14 páginas. Todas as tiras de palavras estão presas num dos bordos, lê-se rodando, no movimento e direção que fizer sentido, sem ordem e sem principio ou fim, mas representando sob a forma de produto artístico um resultado de um processo coletivo de conhecimento, esperando que mais estimulante e curioso para que possa por si atrair outras formas de produção de conhecimento.

Prazer

Este artigo apresenta linguagens artísticas, tendo em conta metodologias baseadas em artes, que favorecem a acessibilidade na investigação no seu campo mais vasto. Os momentos de Encontros, Seminários no Ensino Superior têm-se revelado de forma aberta e ancorada numa perspetiva de uma pedagogia participativa e abrangente, disponível para a construção de redes de comunicação, de partilha e reflexão. Ressoam com as convicções de Sérgio Niza (2012) ao vivificarem os percursos de aprendizagem. Os workshops de investigação repensam parcialmente o modelo escolar como espaço de aprendizagem, explorando as possibilidades do evento, ampliando espaços de novas subjetivações e novos caminhos de construção de conhecimento.

As duas práticas apresentadas mostram o carácter rizomático de práticas baseadas em artes, que não inibem qualquer forma de pensamento, antes pelo contrário, incluem outras formas de estar, sentir e ser, na conjugação de um ambiente empático, promovido pelas artes (BARAONE T. ; EISENER E. 2011, p. 3).

Nestes Seminários os docentes do ensino universitário têm vindo a beneficiar de práticas e linguagens artísticas, favorecedoras de processos dialógicos e relacionais entre as temáticas curriculares, entre os estudantes, entre si e a comunidade. Importante será realçar a apropriação e validação por parte da comunidade científica, no que se refere aos objetos pedagógicos de autor (livros, escrita académica) ou de co-autoria (ensaios visuais, artigos).

Pretende-se com esta investigação equacionar e rever metodologias do ensino/aprendizagem, projetando para espaços de intercâmbio e de cooperação, lugares humanizados, acreditando que estas novas propostas tenham um impacto na formação e na transformação do indivíduo assentes na diversidade dos atuantes, possibilitando uma experiência a partir do prazer e do bem-estar. Acompanha uma contemporaneidade em que o coletivo tem uma voz sensível e representa uma co-responsabilização, fatores que respondem a um dos objetivos da UNESCO de capacitar (os alunos) a serem cidadãos globais, críticos e responsáveis, possibilitando a sua participação no processo de aprendizagem.

Referências

ALMEIDA, H. **Entrevista**, Milano Electa, 1998, p. 52. Disponível em: <https://gulbenkian.pt/cam/works_cam/pintura-habitada-156660>. Acesso em: julho 2022.

ALMEIDA, H. **Tela Habitada**. Disponível em: <https://gulbenkian.pt/cam/works_cam/tela-habitada-156670/>. Acesso em: agosto 2022.

- BARONE, T. EISNER, E. W. **What Is and What Is Not Arts-Based Research?** p. 1 - 12. Los Angeles: SAGE Publications. 2011.
- BERGER, W. **A arte de fazer perguntas.** Vogais Editora, 2020.
- BOTTON, A. **The School of Life: Educação emocional.** Lisboa. Ed Minotauro, 2020.
- CAETANO, A. P. **Processos Participativos e investigativos na mudança dos professores e da escola.** Lisboa. Ciências da Educação, 2003.
- CASTANHO, M. E. **O que há de novo na educação superior do projeto pedagógico à prática transformadora.** Campinas. Papirus, 2000.
- CHARRÉU, L. **Métodos alternativos de pesquisa na universidade contemporânea: uma reflexão crítica sobre a/r/tography e metodologias de investigação paralelas.** Disponível em <https://www.researchgate.net/publication/261286432_Metodos_alternativos_de_pesquisa_na_universidade_contemporanea_Uma_reflexao_critica_sobre_artography_e_metodologias_de_investigacao_paralelas>. Acesso. Julho 2022.
- DIAS, B. **Uma epistemologia de fronteira: Minha tese de doutorado como um projeto a/r/tográfico.** In AVV, Anais 18. ANPAP, 2009.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** New York: Herder & Herder, 1970.
- FREIRE, P. FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta,** Ed. Paz e Terra, (5ª edição), 2002.
- QUIVY R. CAMPENHOUDT L. **Manual de investigação em ciências sociais.** Lisboa. Gradiva, 1992.
- HERNANDEZ, F. Encuentros que afectan Y generan saber pedagógico entre docentes através de cartografias visuales, **Revista Digital do LAV** v.11, n. 2: p. 103. Acesso em: DOI: 10.5902/1983734833898, 2018.
- HERNANDEZ, F. ; SEGARRA, O. J. **La investigación (educativa) basada en las artes: genealogías, derivas y expansiones.** En Juana M. Sancho-Gil, Fernando, 2020.
- IEUL. **Comunidades em Movimento.** Disponível em: > <https://deccomunicacoes.wixsite.com/mysite> >. Acesso em: julho de 2022.
- IRWIN, R. Becoming A/r/tography. **Studies in Art Education: A Journal of issues and Research,** v. 54, n. 3, p. 198 - 215, 2013.
- LER E RELER. **O Livro das Perguntas de Pablo Neruda.** Disponível em: > <https://livrospralerereler.blogspot.com/2017/02/livro-das-perguntas-pablo-neruda.html>> Acesso em julho de 2022.
- LÉVY, P. **Inteligencia colectiva: por una antropología del ciberespacio.** 2004. Disponível em: <http://www.cybercultura.it/pdf/la_Cibercultura_Pierre%20Levy.pdf>. Acesso em Junho 2022.
- LEAVY, P. Introduction to Arts-Based Research. En P. Leavy (ed.), **Handbook of arts-based research** (p. 3 - 21). New York, The Guilford Press, 2018.
- NIZA, S. **Escritos sobre a educação.** Lisboa: Tinta da China, 2012.
- Ó, J. Ramos do. **Fazer a mão por uma escrita inventiva na universidade.** Lisboa: Ed. Saguão, 2019.
- OLSON, M. **Collaboration: an epistemological shift.** In H. Christiansen, L. Goulet. 1997.

ONSÈS, J.; TEIXEIRA, A.; ROCHA, A.; **La investigación baseadas en las artes como lugar de cuidado: un ensayo visual.** Disponível em: <<https://www.dropbox.com/s/xp4forzimpdktq/Onse%20%26%20Teixeira.pdf?dl=0>>. Acesso em: agosto 2022.

PESTANA F., AGUIAR S. et al. **Poemografias Perspectivas da Poesia Visual Portuguesa.** Ed. Ulmeiro, 1985.

ROCHA, A. S., Workshops de investigação no ensino superior- reflexão epistemológica em educação artística – **Revista electrónica Iberoamericana**, v. 14 n.1, 2020.

ROCHA, A. S. CAETANO A. P.; PAZ A. L., Narrativas entrelaçadas no ensino superior- Como nos constituímos enquanto comunidade e produzimos colaborativamente conhecimento emancipatório sobre investigação baseada em artes? - **Revista Brasileira de Educação do Campo**, nº 6 e12458. Disponível em: <<https://doi.org/10.20873/uft.rbec.e12458>>, 2021, Acesso em: Julho 2022.

SPRINGGAY S. IRWIN R.; **Being with a/r/tography.** Sense Publications, 2007.

SPRINGGAY S. SARAH T. Research-Creation walking methodologies and unsettling of time **International Review of Qualitative Research**, n 121, p. 85-93, 2019.

SULLIVAN, G.; Gu, M. The possibilities of research—The promise of practice. **Art Education**, v. 70, n. 2, p. 49–57. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/00043125.2017.1274203>>. Acesso em: fevereiro 2022.

Agradecimentos

Aos relatores, e em especial à colaboração de Stefania de Brito Matos de Oliveira. A todos que participaram nos Seminários, e aos que folhearem e/ou leram este artigo.

Sobre a autora

Ana Isabel Serra de Magalhães Rocha

Aluna de doutoramento em educação artística (2016) pela Universidade de Lisboa, Instituto de Educação e Faculdade de Belas Artes de Lisboa e Porto, com um corpo de trabalho prático de investigação e experimentação onde reflete sobre O lugar da experiência do livro na mediação educativa e na reflexão epistemológica. Exerceu funções como professora convidada para leccionar Unidades Curriculares na área de educação artística no ano letivo 2021-2022, nos cursos de licenciatura e pós-graduação no Instituto Piaget, Escola Superior de Educação em Almada (Portugal). E-mail: anaserrarochoa@gmail.com
ORCID <https://orcid.org/0000-0002-0991-9748>

Recebido em: 22/07/2022

Aceito para publicação em: 30/08/2022